

A TRADUÇÃO POÉTICA: TEORIA E PRÁTICA

MÁRIO LARANJEIRA
USP

Antes de tratar o tema proposto para este seminário: "Quais concepções teóricas da tradução norteiam a sua prática?", cabe observar que, a meu ver, não há uma teoria da tradução no sentido em que se pode dizer que há uma teoria da matemática ou da física, uma teoria que, aplicada, conduza necessariamente a um resultado objetivamente previsível, cuja verdade seja racionalmente comprovável e univocamente aceitável. A tradução é fundamentalmente uma prática e qualquer teoria da tradução que visasse a formular receitas infalíveis estaria fadada a um insucesso irremediável. A tradutologia não deve, na verdade, ultrapassar os limites de uma praxeologia. As teorias de que pode lançar mão o tradutor devem ser vistas tão somente como instrumentalização de uma prática.

Não é menos verdade, entretanto, que a atitude do tradutor diante do texto que ele trabalha difere conforme aceite esta ou aquela teoria do sujeito, esta ou aquela teoria do texto, conforme veja as relações entre o autor e o texto, entre o tradutor e o autor, entre o texto de partida e o texto de chegada, pois de tais concepções dependerá a relação de produção implicada no ato tradutório.

A prática da tradução colocou-me diante de uma gama variadíssima de textos que vão desde um manual de serviços para manutenção de aparelhos de refrigeração até poemas, de Villon a Prévert, passando por economia, informática, geografia rural e urbana, história medieval, filosofia, sociologia, política, teoria e crítica literárias, prosa de ficção e outros mais.

Essa prática, aliada à docência no campo da tradução que venho exercendo há mais de vinte anos deu ensejo a uma longa reflexão sobre essa operação tão complexa e levou-me a indagar das várias disciplinas implicadas no processo, particularmente da lingüística, da semiótica, da semanálise, que ajuda podiam prestar a uma compreensão mais ampla e profunda do fato textual e, conseqüentemente, à atividade tradutória.

Uma primeira ilação parece impor-se com força axiomática: o tradutor não poderá ter a mesma atitude diante de um texto veicular, de um texto literário e de um texto poético, pois cada um deles tem natureza diferente, apresenta especificidades em seu modo de significar, na relação que estabelece, no processo de significação, entre o significado e o significante. Em cada um deles é diferente a proporção de afloramento das pulsões semióticas do sujeito capazes de perturbar a ordem simbólica.

Textos há cujo conteúdo conceitual é o que realmente importa, servindo os elementos formais de mero suporte para veicular as idéias. Nesta categoria incluem-se os textos ditos objetivos, científicos, argumentativos, demonstrativos. Suas qualidades maiores são a clareza e a univocidade. Têm compromisso com uma racionalidade objetiva e com o critério de verdade. Possuem referencialidade exterior a si próprios. É o caso de um teorema de matemática, do enunciado de uma lei física, da descrição de um processo cirúrgico. O signo lingüístico, no caso, é linear e arbitrário. O grau de intradutibilidade de tais textos tende para zero. As dificuldades de tradução geralmente se reduzem a problemas léxicos ou, quando se trata de textos que entram no campo das ciências humanas, problemas de natureza sócio-cultural.

Noutros textos, entretanto, a língua, o código deixa de ser mero suporte, simples veículo, passando a integrar a própria mensagem. O significante ganha terreno sobre o significado, prepondera sobre ele, gera-o. O signo deixa de ser arbitrário e a sua linearidade sofre perturbações. O texto acede ao nível translingüístico. Estamos então diante do texto tradicionalmente dito literário, diante da escritura, do Texto em sua acepção moderna, com tendência para o apagamento das fronteiras entre prosa e poesia. "O Texto frustra qualquer tipologia cultural, diz Roland Barthes, - mostrar o caráter **ilimitado** de uma obra é fazer dela um Texto; mesmo se a reflexão sobre o Texto começa na literatura (isto é, num objeto constituído pela instituição), o Texto não pára forçosamente aí; em todo lugar onde se ponha em jogo a atividade de significância segundo as regras de combinação, de transformação e de deslocamento, há um Texto".¹ A tradução do texto assim concebido é a que se reveste do maior grau de complexidade. Maior ainda é a complexidade quando o texto se insere em determinados padrões especiais e temporais que fazem dele um poema, a mais característica das manifestações da poesia. E quando se fala de padrões espaciais e temporais, fala-se mais particularmente da parte sensível, perceptível e até mesmo física do signo. Ora, na tradução interlingual, é essa parte física do código lingüístico, matéria de eleição do trabalho poético, que é afetado em sua essência. Daí a posição aparentemente tão sólida e incontestavelmente muito difundida de que a poesia é, por natu-

reza, intraduzível.

O intraduzível passa pelo indizível que, segundo Henri Meschonnic, "é ilusão. Projeção no já dito daquilo que ainda não foi dito; um nunca dito é trabalho em curso (...). Os textos mais densos sempre mordiscaram, não cessam de mordiscar o indizível."² A poesia, justamente, chega a ser o antídoto do indizível superando-o e suplantando-o por sua capacidade intrínseca de gerar sentidos quebrando a referencialidade externa, afastando-se da mímese em proveito da semiose, rompendo a linguagem tética pelo processo da significância.

Assim, traduzir poesia é ir além da tradução do sentido; é traduzir a significância. Isto supõe o banimento de qualquer atitude gerada pela ideologia dualista muito em voga que separa fundo e forma (só o primeiro seria traduzível), autor e tradutor (só o primeiro seria capaz de gerar o verdadeiro texto), original e tradução (só o primeiro teria as marcas positivas de unicidade, imperfectibilidade e perenidade). Toda operação de tradução poética supõe uma visão dialética do texto que só reconhece as oposições na medida em que se integram numa unidade, numa totalização essencial. É um trabalho na cadeia dos significantes enquanto geradora de sentidos. É esse processo global de geração de sentidos existentes no poema de partida, a sua significância, que cabe ao tradutor trabalhar no ato tradutório de maneira a obter na língua-cultura de chegada, não o mesmo fundo revestido da mesma forma - o que, por definição, é impossível -, mas uma interação semelhante de significantes capaz de gerar semelhantemente a significância do poema-tradução. Só assim a tradução será instauradora de texto na língua-cultura de chegada, gerará um poema homogêneo ao poema original e não o mero traslado de um significado antes e de uma forma fora.

"Um poema diz uma coisa e significa outra"³, afirma Michael Riffaterre, e essa maneira oblíqua que tem o texto poético de gerar o seu próprio sentido é a grande responsável pela diferença entre a poesia e a não-poesia. O fenômeno literário (e particularmente o poético) é uma dialética entre o texto e o leitor. É, pois, essencial que se considerem os fatos acessíveis ao leitor e percebidos em relação com o poema enquanto contexto específico e fechado. Dentro do poema, a obliquidade semântica pode gerar-se pelo deslocamento, distorção ou criação do sentido, e isso se manifesta por índices que o leitor (o tradutor) deve detectar.

A primeira leitura do poema é linear e situa-se no nível da mímese, da referencialidade externa. À medida, entretanto, que o leitor avança no texto, os índices de obliquidade, agindo retroativamente, provocam uma releitura, uma reavaliação das unidades sêmicas já percorridas que conduz à percepção de sentidos novos, gerados pela relação de signi-

ficantes interna ao texto. Esta geração interna e relacional de sentidos no poema constitui a sua significância que permite superar a leitura mimética e integrá-la num nível superior de significação, na semiose. Esse processo é coextensivo ao texto e só se fecha com a leitura do último verso. Só então a leitura retroativa e tabular se completa, anulando a linearidade mimética e mostrando o poema como a unidade global e globalizante da significância.

Ora, se a unidade de significância é o poema todo, também o poema todo deve ser tomado como a grande e totalizante unidade de tradução poética visto que o sentido das unidades menores vai-se redefinindo pela leitura retroativa e só atinge a sua plenitude quando todas as relações internas do texto já tiverem sido manifestadas.

Quais são esses índices que dão ao leitor - e ao tradutor, esse leitor-criador - acesso à significância do poema? Eles são muitos, de modo que, na exigüidade desta exposição, vamos destacar apenas alguns.

Em primeiro lugar, na área escritural, a "visilegibilidade" do poema. Como vimos, acede-se à significância do poema mediante duas leituras: a linear e mimética primeiro, e a retroativa, tabular, que se impõe num segundo tempo. Há, entretanto, uma pré-leitura visual, baseada na distribuição da massa espacial do texto, e esta não é propriamente nem linear nem retroativa. Não participa da discursividade lingüística, sendo antes uma percepção global e acrônica, não seqüencial. Visto assim, o poema passa a ser um macro-signo espacializado. Antes de ler o poema, o leitor o vê como poema, e esta visão já o condiciona para a leitura poética e não outra. É o que Jacques Anis, retomado por J.-M. Adam, chama de "visi-lé-gibilité"⁴, que traduzimos por "visilegibilidade". É a primeira coisa que o tradutor deve levar em conta e tentar preservar como fazendo parte integrante da especificidade de cada poema.

As agramaticalidades (*lato sensu*), fatores de perturbação da legibilidade estritamente lingüística, constituem um fio condutor que leva a outra leitura, à leitura semiótica, nível superior de significação em que se positivam. Elas podem assim ser vistas como chaves da significância e a sua correta transposição para a língua do texto de chegada é fundamental para a manutenção, neste, da poeticidade.

Finalmente destacamos os interpretantes poéticos que podem ser lexemáticos (signos duplos) ou textuais⁵. Os interpretantes lexemáticos são as lexias que podem ser lidas em mais de uma isotopia, tornando-se assim responsáveis pela leitura plural do texto poético. Os interpretantes textuais são aqueles cuja leitura depende de um intertexto. É um fragmento do texto efetivamente citado no poema que ele ajuda a interpretar. Para o leitor/tradutor, ignorar tais interpretantes seria um fato grave pois im-

pediria a leitura oblíqua da significação poética, ou seja, tolheria a passagem do simples sentido mimético para o nível semiótico da significância.

Tomemos como exemplo um pequeno poema de Jacques Prévert:

MEA CULPA

C'est ma faute
C'est ma faute
C'est ma très grande faute d'orthographe
Voilà comment j'écris
Giraffe.

Esse texto foi assim traduzido por Silvano Santiago⁶:

MEA CULPA

Errei
Errei
Que enorme erro de ortografia
Eis como escrevi
Girrafa.

Não vamos tratar aqui dos problemas de ritmo que, embora pertinentes do ponto de vista da tradução poética, demandariam um espaço de que aqui não dispomos. Atenhamo-nos a alguns dos pontos de que já tratamos.

No poema de Prévert, o título funciona como um interpretante textual que remete para o "confiteor", oração integrada na liturgia cristã. Em cada língua, o "confiteor" possui uma forma canônica, fixa. Em francês, reza-se: "C'est ma faute, c'est ma faute, c'est ma très grande faute...". E em português: "Minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa...". Não cabe ao tradutor inventar outra formulação, mesmo porque ela deixaria de ser um interpretante textual. Por outro lado, a palavra "faute" em francês é um signo duplo com leitura possível na isotopia da religião (pecado, erro moral) e na isotopia escolar (erro de ortografia, de gramática etc.). Prévert joga com a integração dos dois interpretantes, o textual e o lexemático, para a significância do poema. Ora, Silvano Santiago não recria uma significância homóloga em sua tradução, limitando-se a traduzir o "sentido" das várias unidades sêmicas sem qualquer intregação em nível superior. Convém ainda acrescentar que, ao traduzir "giraffe" por "girrafa", a

preocupação com o **sentido** levou o tradutor a vários erros a nível de significância: transformou uma transgressão apenas ortográfica em transgressão fonética (rr ≠ r). Por certo não foi o bicho que levou Prévert a usar a palavra "giraffe" que constitui o último verso. Foi, isto sim, a relação de homofonia com "orthographe", fato poeticamente pertinente. Tal homofonia desaparece em português. Entre mudar a semântica (no caso, não pertinente à significância) e destruir a homofonia, em tradução poética sacrifica-se a semântica.

Eis uma proposta de tradução mais condizente com a gramática da significância do original e que procura recriar assim no texto de chegada a especificidade poética:

MEA CULPA

Minha culpa
Minha culpa
Minha máxima culpa em ortografia
Vejam como escrevi
Bassia.

Este exemplo simples e não exaustivo - os limites desta exposição não permitem uma amostragem maior - pode ilustrar aquilo que acima ficou dito e que cabe repetir aqui à guisa de conclusão: traduzir poesia é ir além da tradução do sentido, é transpor para a língua-cultura de chegada a significância do poema original.

NOTAS

1. BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua** (Le bruissement de la langue). Tradução de Mário Laranjeira, São Paulo, Brasiliense, 1988, p.101.
2. MESCHONNIC, Henri. **Pour la Poétique II**. Paris, Gallimard, 1973, p.166.
3. RIFFATERRE, Michael. **Sémiotique de la Poésie**. Paris, Seuil, 1983, p.11.
4. ADAM, J.-M. **Pour lire le poème**. Bruxelles, De Poeck, 1985, p.29.
5. Cf. RIFFATERRE, Michael, op. cit., p.107 et sqs.
6. PREVERT, Jacques. **Poemas**. Seleção e tradução de Silvano Santiago, 2ª edição bilingüe, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p.39.

BIBLIOGRAFIA

- ADAM, J.M. - **Pour lire le poème**. Bruxelles, De Poeck, 1985.
- ARROJO, Rosemary. - **Oficina de Tradução**. São Paulo, Ática, 1986.
- BARTHES, Roland. - **O Rumor de Língua** (le bruissement de la langue) Tradução de Mário Laranjeira, São Paulo, Brasiliense, 1988.
- BENVENISTE, Emile. - **Problèmes de linguistique générale**. Paris, Gallimard, 1966.
- BOSI, Alfredo. - **O ser e o tempo em poesia**. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1977.
- COHEN, Jean. - **Structure du langage poétique**. Paris, Flammarion, 1966.
- DELAS, Daniel et FILLIOLET, Jacques. - **Linguistique et poétique**. Paris, Larousse, 1973.
- D.S. Carne Ross. - "Translation and Transposition", in **The craft and context in translation**. Austin, The University of Texas Press, 1961.
- GREIMAS, Agirdas Julien (Dir.). - **Essais de sémiotique poétique**. Paris, Larousse, 1972.
- GROUPE Mu. - **Rhétorique de la poésie**. Bruxelles, Complexe, 1977.
- JAKOBSON, Roman. - **Essais de linguistique générale I**. Paris, Minuit, 1963.
———. - **Essais de linguistique générale II**. Paris, Minuit, 1973.
———. - **Questions de poétique**. Paris, Seuil, 1973.
- KRISTEVA, Julia. - **Séméiotiké - Recherches pour une sémanalyse**. Paris, Seuil, 1969.
———. - **La Révolution du langage poétique**. Paris, Seuil, 1974.
- MESCHONNIC, Henri. - **Pour la poétique II**. Paris, Gallimard, 1982.
———. - **Critique du rythme**. Paris, Verdier, 1982.
- MOUNIN, Georges. - **Les problèmes théoriques de la traduction**. Paris, Gallimard, 1963.
- PEIRCE, Charles. - **Semiótica**. Tradução de J.T. Coelho Neto, São Paulo, Perspectiva, 1977.
- PIGNATARI, Décio. - **Semiótica e literatura**. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.
- POUND, Ezra. - **A arte da poesia**. Trad. de Heloisa de L. Dantas e José Paulo Paes, São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1976.
- RICOEUR, Paul. - **De l'interprétation. Essai sur Freud**. Paris, Seuil, 1971.

RIFFATERRE, Michael. - **Sémiotique de la Poésie**. Paris, Seuil, 1978.

RÓNAI, Paulo. - **Escola de tradutores**. Rio de Janeiro, Educon, 4ª ed., 1976.

RUWET, Nicolas. - **Langage, Musique et Poésie**. Paris, Seuil, 1972.

SIMON, Iumna Maria (Org.). - **Remate de Males 4. Território da Tradução**. UNICAMP, Funcamp, Campinas, 1984.

SOTIROPOULOU-PAPALEONIDAS, Irene. - **Jacques Brault. Théories/pratique de la traduction**. Nouvelle approche de la problématique de la traduction poétique. Sherbrooke, Didon, 1981.

STEINER, George. - **Après Babel. Une poétique du dire et de la traduction**. Paris, Albin Michel, 1978.